

## MUSICALIZANDO A GEOGRAFIA: REFLEXÕES SOBRE O USO DA PARÓDIA NA SALA DE AULA

**Julio Guills Mattos dos Santos**  
guillssantos@gmail.com<sup>1</sup>

**Luísa Soares Mendonça Smiderle**  
luisasmiderle@id.uff.br<sup>2</sup>

**Lívia Vargas de Souza**  
professoraliviavargas@gmail.com<sup>3</sup>

**Amélia Cristina Alves Bezerra**  
amelliacristina@uol.com.br<sup>4</sup>

### Resumo

*Este artigo emergiu do esforço em contribuir com novas abordagens para o ensino de geografia, neste caso, a partir da inserção da linguagem musical representada pela paródia, entendida aqui como um recurso discursivo. Este trabalho objetiva relatar e refletir sobre uma experiência viabilizada pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, que possibilita o contato de professores ainda em formação com o universo escolar, dando-lhes a oportunidade de atuar de forma conjunta com docentes da rede pública de ensino. A leitura expõe o resultado de uma interpretação do currículo mínimo da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, materializada por meio de uma atividade em que buscamos dialogar com as experiências sócio-espaciais dos discentes envolvidos como processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, utilizamos a linguagem musical como forma de diálogo com os conteúdos geográficos, especialmente a questão ambiental. O artigo encontra-se dividido em três partes, a primeira delas elabora uma introdução ao tema, momento em que discutimos as aproximações entre música, currículo e Geografia. A segunda parte dedica-se a narrativa da experiência vivenciada na sala de aula e denomina-se: Paródia e Geografia: narrando as experiências cotidianas na sala de aula e, por último, as considerações finais.*

**Palavras-chave:** currículo; paródia; recursos discursivos

### Introdução: Aproximações entre música, currículo e Geografia

A geografia escolar ainda tem sido marcada por aulas cansativas que reduzem e simplificam os conteúdos, tratando o corpo discente como depósito de informações,

<sup>1</sup> Licenciando em Geografia UFF; Bolsista PIBID

<sup>2</sup> Licenciada em Geografia pela UFF; Ex-Bolsista PIBID

<sup>3</sup> Professora de Geografia da Rede Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro; Professora Supervisora do PIBID

<sup>4</sup> Professora da Universidade Federal Fluminense, orientadora do PIBID e das reflexões propostas no artigo.

desconsiderando suas vivências e percepções espaciais. Lacoste (1985) afirmou: "a geografia é, para a maioria das pessoas, e notadamente para os intelectuais, sinônimo de disciplina chata, inútil" e, isso não é por acaso, é uma estratégia de poder manejada por grupos que possuem o interesse de preservar a manutenção de determinadas estruturas que regem a sociedade e, dependendo do contexto, o ensino de geografia pode atuar como fator influenciador de manutenção ou questionamento dessas estruturas.

Um dos exemplos que ilustram esse debate são as questões ambientais que dentro da sua gama de conteúdos contempla o estudo das águas, por exemplo: a quem interessa um estudo superficial sobre o uso da água e dos recursos hídricos? Para quem não é importante a promoção de estudos com caráter mais crítico sobre o uso dos recursos hídricos do país, como a análise de sua distribuição entre as diferentes atividades econômicas e classes sociais?

Nessa direção, Jaehn (2014) afirma que educação tem assumido, historicamente, a função de socialização do ser humano numa visão quase sempre conservadora, ou seja, de garantir a reprodução social e cultural como requisito para a sobrevivência da sociedade. Uma ferramenta imprescindível para a manutenção ou rompimento em relação a uma determinada estrutura social é o currículo, onde Jaehn (2014), mais uma vez, nos elucidada:

O currículo constitui uma seleção cultural e é compreendido a partir de um conjunto de práticas e saberes que articulam a seleção, organização e distribuição do conhecimento escolar com finalidades educacionais, conteúdos e estratégias de ensino, avaliação, políticas, propostas e práticas curriculares. Trata-se, portanto, de uma opção cultural determinada que traduz um modelo educativo. Assim, diferentes visões de mundo produzem, elegem e transmitem narrativas e significados sobre as coisas e sobre a sociedade, fazendo com que o currículo opere uma forma de relação entre conhecimento e poder que é formadora e constitutiva de regulação social. (JAEHN, 2014, p. 195).

No entanto, a educação brasileira desde promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei Federal número 9.394/1996) vem caminhando no sentido de transformar algumas dinâmicas da educação básica que, sendo bem sucedida, pode resultar na minimização e, até mesmo, extinção do tratamento da geografia como disciplina ligada a conteúdos classificados como chatos e desinteressantes. No artigo 36, no segundo inciso da referida lei, clareia-se a importância da adoção, por parte do currículo, de metodologias de ensino e avaliação que estimulem a iniciativa do estudante.

Ainda dentro do debate curricular, nos alinhamos a Giroux e Simon (2013) no que se refere ao currículo e sua interação com o estudante:

A pedagogia crítica sempre busca incorporar a experiência do aluno ao conteúdo curricular “oficial”. Embora essa articulação possa fortalecer o poder do estudante e ao mesmo tempo constituir uma forma de crítica às relações que silenciam, ocorre que a experiência do aluno também não é uma forma não problemática de conhecimento. Como podemos evitar o conservadorismo inerente ao simples ato de celebrar a experiência pessoal e confirmar aquilo que as pessoas já sabem? Em outras palavras, como podemos reconhecer uma experiência anterior como conteúdo legítimo e ao mesmo tempo questioná-la? Como ratificar as “vozes” dos alunos e ao mesmo tempo estimular a sua interrogação? (GIROUX E SIMON, 2013, p.133).

Na tentativa de estimular as vozes dos estudantes e provocar questionamentos buscamos relacionar a música e a geografia na sala de aula, propondo uma prática pedagógica mediada pela musicalidade. A linguagem musical possibilita dialogar com as experiências pessoais, sociais e geográficas dos estudantes. Sobre a importância da linguagem musical no ensino básico, Reffatti (2007) afirma:

Fiquei pensando em quanto a musicalidade e o bom humor estão arraigados no povo brasileiro. Esta inventividade nos é tão natural que, na grande maioria das vezes em que é demonstrada dentro da escola, os professores não percebem a possibilidade de fazer um trabalho em que conteúdo e emoção podem caminhar de mãos dadas. É certo que esta percepção é permeada por uma concepção de aluno, de professor e, conseqüentemente, de como deve ser o ensino em sala de aula. (REFFATTI, 2007, p. 68-69).

Dentro do campo da música, podemos destacar a potencialidade da paródia no ensino de geografia, entendida aqui como:

(...) um gênero textual que possui em sua essência o processo de intertextualidade (...) ou seja, cabe ao interlocutor recuperar em sua memória social [e também geográfica] os elementos que darão sentido ao texto. No caso de uma paródia musical, escreve-se um novo texto (letra) para uma música já conhecida, mantendo-se seus aspectos melódicos, harmônicos e rítmicos, ou variando-se apenas pequenos elementos para melhor atender a métrica da canção. Entretanto, neste processo de reescrita, altera-se o sentido do texto, na maior parte das vezes para gerar um efeito cômico, provocativo ou de interseção a algum tema que esteja em alta em determinado contexto político, histórico ou social. Por conseguinte, cabe ao interlocutor o conhecimento dos diversos tipos de relações que este texto mantém com outros textos, a fim de se alcançar os efeitos estilísticos desejados. (SIMÕES, 2012, p. 1-15).

A confecção de músicas, em especial a paródia, feita pelos estudantes evidencia um rompimento com a lógica da educação bancária<sup>5</sup> que revela uma relação vertical entre o educador e o educando, onde o primeiro é o sujeito que detêm o conhecimento, pensa-o e

<sup>5</sup> O termo educação bancária foi utilizado por Paulo Freire, que faz uma crítica ao movimento de ensino-aprendizagem que trata o estudante como agente passivo deste processo.

prescreve-o, enquanto o segundo é objeto que recebe o conhecimento que é pensado e prescrito. O educador faz “depósitos” no educando que, passivamente, recebe-os. Esta concepção de educação, intencionalmente ou não, objetiva a formação de indivíduos acomodados, não questionadores e que se submetem à estrutura de poder vigente.

Diante do exposto podemos afirmar que o uso da música como metodologia de ensino, em especial a paródia – quando produzida também pelos estudantes –, contribui com o fortalecimento de uma educação que visa a criatividade e a autonomia, onde o educando e o educador aprendem no decorrer do processo de ensino-aprendizagem. Mas como se dá este processo sob a lógica da confecção de paródias?

Para Bakhtin (1997), a paródia configura-se como um fenômeno metalinguístico, onde a palavra expõe duplo sentido cuja orientação tem como norte o objeto “do discurso enquanto palavra comum e, para um outro, discurso ou para o discurso de um outro”. Ou seja, o autor aplica as palavras ditas por outros para expor suas próprias ideias. Trata-se de um gênero textual bivocal, pois, em um só discurso temos duas orientações semânticas, ou seja, duas vozes, onde quem elaborou a paródia pode usar o “discurso de um outro” com uma nova orientação semântica.

Sob a égide da lógica da bivocalidade da paródia, considerando o estudante como autor do texto produzido, o mesmo contribui com o aprendizado do professor – que nesta situação desempenha o papel de educando –, a partir do momento em que a nova orientação semântica de sua paródia será resultante da interação entre os saberes geográficos discutidos no espaço escolar e as vivências espaciais discentes. Este cenário revela um processo de ensino-aprendizagem que vai ao encontro da educação libertadora. Embora apenas este processo não tenha forças para caracterizar como libertária uma determinada realidade educativa, esta revela um potencial contribuinte para o alcance de uma educação desta natureza. Além disso, também atende aos requisitos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei Federal número 9.394/1996), por se dispor em dialogar com discursos confeccionados pelos estudantes, através da linguagem musical.

Por fim, o uso da paródia – que é um elemento cultural – como recurso de ensino que dialoga com a estrutura curricular, reforça e potencializa o currículo como prática produtiva. Nessa direção, Tomaz Tadeu da Silva (2010) argumenta:

Não se pode conceber a cultura e o currículo como práticas de significação sem destacar seu caráter fundamentalmente produtivo,

criativo. Em contraste com concepções mais tradicionais, conservadoras, a cultura, aqui, não é vista apenas e principalmente como produto final, concluído, o que ela também é, mas sobretudo como atividade, como prática de produção, de criação. Ignorar ou secundarizar a dimensão produtiva da cultura significa reificá-la, cristalizá-la, imobilizá-la, abstrai-la do processo de sua criação. (SILVA, 2010).

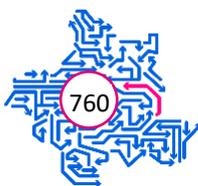
Dentro da estrutura da nossa proposta, o grande desafio docente será o de ratificar a materialização da interação entre os saberes escolares e as percepções espaciais discentes – sob a forma de paródias – e, concomitantemente, questionar tais resultados. Afinal de contas, a experiência do estudante também é uma forma de conhecimento problemática, devendo ser encarada de forma crítica e desprendida de perspectivas românticas – retomando a reflexão norteada por Giroux e Simon (2013, p.133).

### **Paródia e Geografia: narrando as experiências cotidianas na sala de aula**

O processo de ensino-aprendizagem requer dedicação e uma certa dose de ousadia para questionar as verdades absolutas e buscar o novo, ainda que em primeiro momento a mudança possa parecer utópica. A opção em utilizar a música como recurso didático se justifica pela potencialidade que ela apresenta enquanto linguagem, repleta de sentimentos e representações de vida, sendo fundamental num movimento de autoconhecimento e aproximação de diferentes realidades, permitindo assim dialogar com os conteúdos formais de ensino presentes no currículo.

A Geografia é uma ciência que se preocupa em estudar a interação da sociedade com o espaço, entendendo as cicatrizes que ambos deixam um no outro ao longo do tempo. O espaço geográfico, então, é dotado de vida, sensações e cultura, sendo historicamente construído. Milton Santos (1997) afirma que num mesmo espaço coabitam temporalidades distintas, resultando em diferentes inserções do lugar no sistema ou na rede mundial. As diversas materializações e formas de coexistir darão complexidade ao espaço geográfico, que se constitui repleto de heranças e novas possibilidades.

É nele que os diferentes grupos sociais interagem, sonham, lutam, desejam e vivem, num constante processo de (re)construção de si e no/do/pelo espaço. Nesse contexto, a música se apresenta como mediação das formas de percepção e apropriação do homem em relação ao seu espaço, interpretando um momento histórico a partir da manifestação cultural.



Participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência é ter a possibilidade de experimentação das práticas de sala de aula. Ao integrar o programa, o bolsista se torna próximo do universo da escola e entende, na prática, seus desafios e alegrias. Dessa forma, o objetivo das atividades realizadas no colégio foi, inicialmente, o de aproximação e familiarização com os estudantes da escola e a realidade vivida. Entendendo que o processo de ensino-aprendizagem está inserido no movimento de curiosidade, é fundamental que haja desejo dos discentes na realização das atividades propostas, para que, enfim, a inteligência apresente seu potencial para a realização de sonhos<sup>6</sup>.

Os sonhos fazem pensar, e ajudam a construir realidades e mundos novos. Somente com uma metodologia que se apoie no espaço vivido dos alunos contribui para uma aprendizagem significativa e realmente transformadora. Nesse sentido, a opção pela utilização da linguagem musical se justifica como ferramenta para sensibilizar o outro e aproximar os diversos discursos sobre o lugar e as trajetórias vividas, criando a possibilidade de unir diferentes mundos dentro de um mesmo espaço.

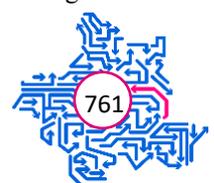
O espaço no qual as atividades foram realizadas trata-se da unidade escolar CIEP 513 George Savalla Gomes – “Palhaço Carequinha”, localizado no município de São Gonçalo (RJ), no bairro do Campo Novo. A escola está inserida em um ambiente marcado pela precariedade e pela ausência do Estado como planejador, rodeada pela comunidade denominada *Risca Faca*<sup>7</sup>, e de maneira semelhante se dão as relações dos alunos com o colégio.

O bairro Campo Novo, desconhecido, por muitos moradores de São Gonçalo se encontra no limite com o bairro de Maria Paula – pertencente ao município de Niterói. Ao se encontrar em um ambiente tão conurbado, esse pedaço de São Gonçalo se apresenta como um bairro de baixa mobilidade, nos quais os moradores encontram dificuldades para entrar e sair da região, principalmente, a noite e nos finais de semana. Para além das dificuldades de mobilidade, chegar ao Campo Novo nos permite perceber uma região com baixos investimentos públicos, evidenciado pela existência persistente de ruas não pavimentadas, e pela insuficiência de infraestrutura básica que garanta à população acesso à lazer, bem como

---

<sup>6</sup> Rubem Alves apresenta a ideia de que a racionalidade deve ser instrumento de capacitação para a realização dos nossos sonhos, portanto, a inteligência citada pelo autor se refere ao processo de construção do conhecimento, que deve ser livre e criativo a fim de conquistar resultados realmente transformadores. A provocação dos indivíduos gera o desejo de conhecer.

<sup>7</sup> Risca Faca é uma expressão regional da região nordeste do Brasil que designa “local onde tem muita briga”. A comunidade em questão é formada por uma quantidade significativa de migrantes nordestinos.



mecanismos que possam viabilizar a capacitação profissional dos moradores e alunos em seus processos formativos.

O CIEP 513 – George Savalla Gomes “Palhaço Carequinha” foi construído ainda na década de 1980, porém, ficou muitos anos abandonado e funciona, após a sua reforma, desde 2010. A escola possui cerca de 500 estudantes que, em sua maioria, moram no Campo Novo ou em comunidades menores próximas.

A chegada dos bolsistas do PIBID na turma 1001 (classe discente que cursava a 1ª série do Ensino Médio) foi permeada por alguns desafios, como a dificuldade do estabelecimento de uma relação marcada pela confiabilidade, que permitisse a realização de um trabalho significativo para todos os sujeitos envolvidos. Frente a isso, foram necessárias tentativas de aproximação, permitindo então o conhecimento dos contextos socioespaciais dos indivíduos abrangidos, para assim perceber a diversidade dos discursos que apontavam para a necessidade de pensar, coletivamente, as questões emergidas no cotidiano escolar.

Nesse sentido, durante todo o ano de 2015, os bolsistas realizaram diversas atividades envolvendo temas transversais ao currículo - tais como questão de gênero, racismo, redução da maioridade penal, mobilidade e problemas urbanos, além da realização de um trabalho de campo – que proporcionaram a interação com e entre os estudantes, permitindo a identificação das demandas da turma, as relações com seus espaços de vivências (escola, bairro e o município de São Gonçalo) e a aproximação entre os grupos, fundamental para que a atividade de fechamento do ano fosse proposta.

Em 2013 a rede estadual de educação do Rio de Janeiro tornou obrigatória a utilização do currículo mínimo em todas as escolas. A professora de geografia, responsável pela turma, também supervisora do PIBID, utilizou as diretrizes do currículo mínimo durante todo o ano letivo como referencial para as aulas, sem se restringir a eles, entendendo as particularidades da sua unidade escolar dentro da diversidade da rede estadual de educação e que os conteúdos propostos pelo documento devem ser trabalhados considerando as diferentes realidades e conhecimentos dos educandos.

No último bimestre, foram trabalhados os conteúdos<sup>8</sup> indicados no currículo mínimo, que tinham como tema norteador *a questão ambiental*. Nessa direção, foram realizadas

---

<sup>8</sup> Conteúdos propostos: Analisar diferentes formas de ocupação ao confrontar os interesses socioculturais, políticos, ambientais e econômicos existentes na paisagem; Discutir criticamente o modelo de civilização

atividades em grupos, onde os educandos foram sujeitos ativos na construção dos conhecimentos, sob mediação dos bolsistas do PIBID. Tais atividades foram pensadas para que ocorresse o desenvolvimento da autonomia dos estudantes e dos pibidianos, que propuseram o “Festival de Paródias”, no último dia de aula, como culminância dos trabalhos realizados durante todo o último bimestre do ano letivo.

Iniciamos a atividade proposta dividindo a turma em grupos, onde cada um deveria produzir uma paródia com o tema da questão ambiental a ser apresentada no dia do festival. A turma recebeu a atividade com animação, postura bem diferente daquela encontrada nos primeiros dias de aula, assim como a interação entre os discentes, muito fluida, sem apresentar problemas para construir os grupos. A primeira dúvida se relacionava com o conceito de paródia, após breve explicação, os grupos compreenderam e se dispuseram, prontamente, a realizar a atividade.

Em primeiro momento, a atividade foi pensada com o intuito de que as paródias fossem construídas fora de sala de aula e recebessem acompanhamento dos pibidianos e da professora durante os encontros do bimestre, até chegar o dia do festival. Contudo, não foi possível concretizar tal dinâmica, visto o número de feriados que ocorreram entre os dois momentos. Desta forma, os grupos produziram suas paródias em encontros extraclasse, organizados pelos próprios componentes.

No dia do festival de paródias, os jovens aguardavam com ansiedade e grande expectativa a chegada do horário da atividade, estando próximos ao auditório antes mesmo da professora e dos pibidianos chegarem ao espaço definido para a realização. Utilizamos o auditório da escola por ter espaço e estrutura que proporcionam maior liberdade aos estudantes, configurando um ambiente ideal para que estes possam externar toda a musicalidade construída ao longo do prazo definido. Ainda assim a caixa de som do local apresentou problema e, como alternativa, utilizamos uma pequena caixa de som com um microfone que a professora usava durante as aulas.

Os estudantes foram orientados a organizar a ordem das apresentações e puderam exercer o protagonismo na dinâmica proposta pelos bolsistas e pela professora que mediarão todo o processo. Muitos grupos estavam tímidos, envergonhados e foram encorajados pelas

---

baseado na exaustão dos recursos naturais; Contextualizar as principais conferências internacionais para o ambiente, seus princípios e propósitos; Identificar, comparar e analisar os principais problemas ambientais em diferentes escalas.

apresentações dos colegas, de forma que o incentivo e a solidariedade entre os discentes configuraram as principais marcas durante as apresentações, demonstrando, assim, a melhora na convivência entre eles e a efetiva construção da autonomia da turma.

Durante as apresentações evidenciou-se a forte ligação entre as suas percepções das vivências espaciais e o tema proposto: foram elaboradas paródias e composições de autoria própria, todas elas pautando a necessidade do cuidado com o meio ambiente, fazendo uma crítica ao comportamento destrutivo da sociedade que polui as ruas e o meio onde vivem. O trecho destacado abaixo, de uma das paródias confeccionadas – baseada na música *Águas de Março*, do Tom Jobim –, confirma esta percepção:

É pau, é pedra, é o fim do caminho É um resto de toco, é um pouco sozinho É um caco de vidro, é a vida, é o sol É a noite, é a morte, é o laço, é o anzol É peroba do campo, é o nó da madeira Caingá, candeia, é o Matita Pereira É madeira de vento, tombo da ribanceira É o mistério profundo, é o queira ou não queira	Aquecimento, é o clima mudando São florestas morrendo O homem mudando É um oito ou oitenta Muda até a estação O inverno esse ano Parecia o verão
É o vento ventando, é o fim da ladeira É a viga, é o vão, festa da cumueira É a chuva chovendo, é conversa ribeira Das águas de março, é o fim da canseira É o pé, é o chão, é a marcha estradeira Passarinho na mão, pedra de atiradeira É uma ave no céu, é uma ave no chão É um regato, é uma fonte, é um pedaço de pão	<b><u>É preciso que o homem</u></b> <b><u>Tenha mais consciência</u></b> <b><u>Cuidar da natureza</u></b> <b><u>Para sobrevivência</u></b>
É o fundo do poço, é o fim do caminho No rosto, o desgosto, é um pouco sozinho É um estrepe, é um prego, é uma ponta, é um ponto É um pingo pingando, é uma conta, é um conto É um peixe, é um gesto, é uma prata brilhando É a luz da manhã, é o tijolo chegando (...)	<b><u>Todo mundo pensando</u></b> <b><u>“O que será da nação?”</u></b> <b><u>É a ganância dos homens</u></b> <b><u>Produzindo aflição</u></b>
	<b><u>É preciso acabar</u></b> <b><u>Com tanta negligência</u></b> <b><u>Para garantir ao mundo</u></b> <b><u>A sobrevivência</u></b>
	Que a raça humana Lute pela natureza E garanta ao futuro Vida saúde e beleza

Analisando as músicas elaboradas é possível perceber uma reflexão acerca do cuidado e do compromisso com os outros e com o planeta Terra, de modo que as críticas apresentadas nos permitem, ainda, pensar sobre a falta de ações políticas efetivas voltadas para a diminuição dos impactos ambientais, tendo consequências diretas na degradação ambiental do planeta. As relações superficiais que criamos enquanto sociedade se refletem na falência de um sistema de proteção, o qual deve ser pensado coletivamente para ampliar as possibilidades de transformação. Esse pensamento pode ser observado em outra letra de paródia, baseada na cantiga popular “Se essa rua fosse minha”, elaborada pelos alunos no trecho a seguir:

“Eu só quero, Eu só quero, que isso um dia mude. Por favor, que a rua é nossa, A rua é nossa e merece muito amor”. (Alunos da turma 1001)

A reflexão pautada nesse trecho da música nos permite perceber um entendimento da rua enquanto instrumento coletivo de ação política. Propor uma forma diferenciada de olhar e preocupar-se com a rua é também uma maneira de criar novas territorialidades, nas quais os estudantes têm a oportunidade de se impor e criticar a sociedade em que vivem, com o objetivo e a possibilidade concreta de transformá-la.

Durante as apresentações, um grupo, formado por admiradores dos estilos musicais funk e rap, apresentou uma música autoral, evidenciando a naturalidade da construção dos famosos “improvisos” no seu cotidiano. Apesar de não configurar uma paródia, a música foi apresentada e acompanhada das batidas feitas com as mãos pelos outros componentes do grupo e pela plateia, pois faz parte da realidade dos discentes esse tipo de expressão artística:

“Se liga no papo/Que agora eu vou falar/Não “taca” fogo no mato/Senão vai poluir o ar/Quando eu passo na rua/Olha, eu fico boladão/As crianças comendo as coisas/E jogando lixo no chão/Eu fico mais bolado/Rola até desespero/Idoso e adulto polui todo o Rio de Janeiro/Não sei como a Dilma/Consegue ficar feliz/Vendo o pobre perdendo tudo/Nas enchentes do país/Eu falo isso tudo/Mas eu sei que é a gente/Que joga lixo na rua/Provocando as enchentes/Para encerrar/Um assunto triste “pra caramba”/O Brasil está de luto/Com a tragédia em Mariana” (Alunos da turma 1001)

Percebe-se que nesse formato mais autoral o grupo ficou mais livre para utilizar a linguagem coloquial, com gírias e expressões comuns para eles a fim de realizar as reflexões acerca do tema proposto, reconhecendo, inclusive, a participação de cada um nos problemas ambientais urbanos e, também, relacionando fatos recentes, como o acidente da empresa Samarco no distrito de Bento Ribeiro, na cidade de Mariana-MG, ocorrida poucos dias antes da atividade.

É possível perceber uma dimensão multiescalar da questão ambiental na música, desde a análise local, com pessoas que fazem parte do cotidiano, perpassando pela escala estadual também com seus atores, chegando à nacional, relacionando com a então presidenta, Dilma Rousseff, mas reconhecendo a sua própria responsabilidade diante da questão.

Outras apresentações foram realizadas com paródias interessantíssimas e, em algumas, os grupos fizeram improviso com as batidas do rap/hip-hop durante as paródias,

demonstrando, desta forma, a necessidade de expressar seus pensamentos de forma mais autoral através dos seus gêneros musicais preferidos.

No final de todas as apresentações deixamos o microfone livre e o resultado foi surpreendente. Os estudantes que apresentavam mais dificuldade de concentração durante as aulas criaram diversos improvisos de rap sobre a questão ambiental e, também, com os outros temas trabalhados durante o ano, realizando uma batalha entre os grupos contando com a participação dos pibidianos e da professora.

### Considerações finais

O processo de ensino-aprendizagem apresenta-se cada dia mais desafiador, as dificuldades estruturais das unidades escolares da rede estadual de educação do Rio de Janeiro apresentam restrições orçamentárias para recursos essenciais e se acentuam a cada ano. O sistema de meritocracia engessa cada vez mais as estruturas curriculares impostas nas escolas e cobram resultados com metas pré-estabelecidas através de avaliações externas que exigem do educando a mera reprodução dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Através do PIBID, onde os muros entre universidade e escola são suprimidos, novos caminhos são proporcionados na construção de novas metodologias de ensino-aprendizagem que vão tornando o currículo mais vivo, menos burocrático e mais próximo da realidade em que ele é trabalhado. As atividades realizadas foram de suma importância para os bolsistas que estão se formando como professores, já que propiciaram a intervenção direta em sala de aula, com o contato com a professora supervisora que vive diariamente a educação básica e seus obstáculos.

A partir do momento em que os estudantes tornam-se protagonistas na construção dos conceitos geográficos e suas experiências socioespaciais são consideradas ponto de partida, as possibilidades metodológicas se ampliam. O *link* entre os conteúdos trabalhados e as vivências discentes, através da linguagem musical, permitiu o exercício da autonomia pelos discentes que enxergaram a sua importância na dinâmica em sala de aula através da sua iniciativa para produção de produtos autorais, demonstrando uma enorme criticidade e envolvimento com a atividade.

Consideramos o PIBID e a atuação dos pibidianos na escola de suma importância para propormos alternativas para enfrentarmos as questões curriculares, possibilitando novas



metodologias possíveis de serem executadas frente à precariedade estrutural que encontramos na maioria das escolas da rede pública do país.

### Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 3 ed., 2005.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> Acesso em: 12 jun 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 48º Ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra: 2009.

GIROUX, Henry, SIMON, Roger. **Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular**. In: Currículo, cultura e sociedade / Antonio Flavio Moreira, Tomaz tadeu, (orgs.). – 12. Ed. – São Paulo: Cortez, 2013.

JAEHN, Lisete. **Currículo, políticas e regulação social**. In: XAVIER, Gelta; JAEHN, Lisete; OLIVEIRA, Maria (orgs.). Currículo e práxis docente. Niterói: Eduff, 2014, vol. 7, p. 195.

LACOSTE, Yves. **A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Tradução de Maria Cecília França. 13. Ed. – Campinas: Papyrus, 2007, p. 250.

REFFATTI, Lucimara Vizzotto. A construção conjunta do conhecimento em sala de aula – entre o espaço é tudo free e a responsabilidade social. In: REGO, Nelson et ali. (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 67-75

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular** / Tomaz Tadeu da Silva. – 1. Ed., 4. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 19.

SIMÕES, Alan Caldas. **O Gênero paródia em aulas de língua portuguesa: uma abordagem criativa entre letra e música**. In: II Simpósio internacional de ensino de língua portuguesa, 2012, Uberlândia. Anais do SIELP. Uberlândia: EDUFU, 2012. v. 2. p. 1-15.

